

Do Sentido Especial da Investigação em Educação ou das Histórias do Paulo

Paula Cristina Pacheco Medeiros
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

paula.medeiros@esepf.pt

Resumo

Com este texto pretende-se reflectir sobre um dos percursos de uma professora de investigação educacional a quem foram contadas várias histórias e propostos diferentes desafios na área da Educação Especial. A descoberta do significado que atribui à investigação em Educação Especial continua em aberto. Não gosta de palavras isoladas neste domínio do saber porque nele se habituou a pensar, dialogando com a sensibilidade dos outros. Portanto, não há palavras-chave.

Quando amavelmente me convidaram para escrever sobre a investigação em Educação Especial, aceitei de imediato. Por várias razões. Não escondo, porém, que foram as afectivas que me levaram precipitadamente a dizer que sim. Depois, pensei com mais calma. Que posso eu escrever que já não tenha sido escrito? (Lembrei-me de uma canção de Caetano Veloso: «Age duas vezes antes de pensar». Porque é que eu levo tão a sério as letras das músicas? Se me arrependo sempre?)

Num texto sobre a importância de se investigar em Educação Especial é legitimamente esperado que o autor inicie a sua exposição enfatizando a necessidade da delimitação de uma questão inicial de pesquisa, explicando as virtualidades das teorias produzidas no âmbito de cada área temática seleccionada e justificando, ainda, o enriquecimento resultante do processo de pesquisa empírica na busca/ recolha de informação para se refutar ou apoiar, mesmo que parcialmente, as hipóteses de investigação. Prosseguiria assim, até destacar a relevância da interpretação e reflexão sobre os resultados, naturalmente provisórios, mas que assumem um valor pedagógico e social irrecusável para quem estuda e trabalha em Educação Especial.

No entanto, não é isso que eu pretendo contar. Também não é por um acaso que utilizo aqui primeira pessoa do singular, mesmo correndo o risco de ouvir reclamar

sobre alguma incoerência do meu discurso, ou de ser confrontada, pelos mais dedicados à «gula livresca», com as certezas dos manuais de metodologia da redacção do trabalho científico. Quis, desta vez, romper com algumas normas. Gostaria só de vos contar uma história pessoal.

Não se trata aqui de fazer um apelo à insurreição metodológica. Há normas que nos orientam, que nos tornam mais rigorosos, mais capazes de escapar dos (e aos) lugares comuns. Continuo a pensar que um artigo científico deve seguir as regras editoriais, de redacção, que a linguagem é um veículo privilegiado de transmissão ideológica e, conseqüentemente, a atenção dada às palavras nunca é demais. Mas a linguagem significa também o poder de resistir, de subverter as normas. Significa o poder de recusar e, no meu caso, de assumir sem complexos: neste momento, eu não quero escrever um artigo científico sobre investigação em Educação Especial. Estou confiante que compreenderão as minhas razões.

Como socióloga, nunca deixei de reconhecer que as normas também excluem, subalternizam os conhecimentos dos outros, diferenciam-nos e ao fazê-lo, por vezes, inferiorizam aqueles que só têm lugar nos apêndices das normas, como excepções. São conceitos e contextos amplamente investigados pelas teorias sociológicas. São igualmente questões privilegiadas na Educação Especial. Algumas dessas pesquisas têm vindo a fazer um apelo à adopção de uma atitude mais interventiva em busca de uma maior justiça social. Mas não há justiça social sem justiça cognitiva. E esta passa, entre outros processos e atitudes, pelo reconhecimento das aprendizagens que fazemos em conjunto. Por esse motivo, não antecipo a escrita de um artigo científico sobre Educação Especial sem antes destacar e reconhecer os conhecimentos e sensibilidades que, generosamente, colegas e alunos de Educação Especial partilharam comigo, entre conversas, desabafos, trocas de experiências, reuniões, em contextos vários. Foram,

e continuam a ser, momentos de (re) significação do meu pensamento sobre a investigação em Educação Especial. Resultaram ainda em muitas interrogações que põem em causa a segurança e o conforto possíveis que as leituras dos teóricos da investigação social nos dão. Provocam-nos igualmente certas inquietudes: Como responder com seriedade e rigor científicos aos novos problemas que se vão colocando nesta área do saber?

Alguns manuais de investigação começam por explicar que toda a pesquisa nasce de uma interrogação acerca de um problema que se pretende conhecer melhor. Há nesta afirmação um silêncio sobre as motivações de pesquisa que tem vindo a ser quebrado por aqueles que assumem, de um modo comprometido, os desafios da Educação Especial. A memória de muitas interpelações que me foram colocadas, em poucos anos, permitiu a correcção do meu olhar sobre as razões pelas quais se pode e quer investigar.

Um episódio que vos quero contar, embora possa não ser novo para muitos de nós.

Estamos numa aula de *Metodologias Investigação em Educação* cuja abordagem temática se centra na formulação da «pergunta de partida». Explicitada a necessidade de precisão, clareza e pertinência da questão orientadora da pesquisa, ninguém parece ter dúvidas. Fim da aula. Chegava a altura de respirar fundo, não fosse aquela fila de alunos que assalta a minha mesa. Arrumo o material na tentativa de escapar às esperadas questões. Sei que não posso e já enfrento a «desordem» com alguma boa disposição. Afinal, eu não tinha respondido às principais dúvidas dos nossos estudantes: «Tenho uma aluna hiperactiva na sala (bem, eu acho que ela é hiperactiva, não se concentra etc., etc.) e a minha pergunta é como agir para melhorar o seu rendimento escolar e o da turma? E agora? como é que eu formulo a pergunta de partida?»; «A minha escola não tem uma cadeira que esteja adaptada ao meu aluno que tem uma deficiência motora, será

que posso estudar esta situação? Mas como?»; «Como melhorar a auto-estima de uma criança dislexica? A pergunta pode ser assim?». Reparo no aluno que se encontra no final da fila e que suspira de impaciência. Outro colega reclama: «Essa também era a minha questão!». Segue-se a reconciliação. Os dois deixam-me porque descobrem que não só têm a mesma questão como também partilham entre si algumas angústias que eventualmente eu nunca seria capaz de compreender. Finjo não me importar e continuo a ouvir: «Será que os professores estão preparados para ter um aluno sobredotado na sala de aula?». De novo, os interesses convergem: «Eu também gostaria de estudar a sobredotação, mas na perspectiva das famílias, é possível?»

Escondo alguma tristeza que me causam outras histórias de vida de cada criança, de cada família, de cada professor, enquanto olho disfarçadamente para a fila de espera. Sinto-me constrangida por não entender como é que estes estudantes e profissionais conseguem enfrentar com tanta coragem tais contextos de sofrimento. Recordo-me, então, das conversas e reuniões com os meus colegas, que nunca perdem tempo com paternalismos fáceis na abordagem destas questões, e do entusiasmo e paixão que colocam em cada reflexão, na análise e procura de respostas educativas para os casos que lhes vão sendo colocados. Recupero o ânimo.

Ao olhar para lista de referências bibliográficas da disciplina de *Metodologias Investigação em Educação*, pergunto-me qual será o autor que terá conhecido de perto estes estudantes e qual a proximidade que ele terá estabelecido com os contextos de que eles me falam. Mas já não me sinto derrotada. Sei que o rigor nas escolhas dos métodos, na interpretação dos sentidos que cada pessoa dá aos problemas que enfrenta, a procura da objectividade na obtenção e reflexão dos resultados serão sempre assegurados pelos professores que acompanharão o percurso de investigação dos nossos alunos. Sei que todas essas questões são valorizadas. Motivam-me as perguntas, os

pedidos de ajuda nas questões metodológicas, que me dirigem. De vez em quando surge um pedido mais específico: «Paula, não se esqueça de lhes falar nas referências bibliográficas!». Sorrio agora, pedindo desculpa por esta pequena traição.

Reinvento sempre o entusiasmo de ser professora de metodologias de investigação em Educação Especial e prometo, um dia, escrever um artigo científico com as referências bibliográficas «direitinhas». De resto, não tenho qualquer pretensão de responder adequadamente a todas as questões que me vão surgindo, nem de impor qualquer verdade no âmbito da investigação em Educação Especial. É essa liberdade que nos incapacita de saber qual é a verdade, a liberdade de não ter certezas, que gostaria de dedicar a todos os que se interessam pelas questões da Educação Especial, através de um breve conto de Carlos Drummond de Andrade.

A Incapacidade de ser Verdadeiro

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões da independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto a queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça: – Nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

(Andrade, 1997: 26)

Para entender o sentido *especial* dado à investigação em Educação Especial, basta ler com atenção as histórias do Paulo com Distúrbios de Comunicação e Linguagem, as histórias da Família do Paulo, do Paulo «hiperactivo», com problemas de aprendizagem, do Paulo com Trissomia 21, do Paulo com dislexia, do Paulo sobredotado, do Paulo que é surdo, as histórias dos Professores e Educadores do Paulo, todas as histórias contadas nesta Revista, sustentadas num rigor investigativo exemplar mas sempre aliado a uma sensibilidade de quem olha para o Paulo como um caso de poesia.

Referência Bibliográfica

ANDRADE, Carlos Drummond de (1997). *Histórias para o Rei*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.